

ALGUMAS REFLEXÕES ADICIONAIS SOBRE O BEHAVIORISMO RADICAL

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI

Catania e Harnad¹ organizaram um excelente livro, no qual publicaram alguns dos textos mais significativos de Skinner, com os comentários elaborados por diferentes especialistas, especialmente convidados para tal, e, por fim, as respostas de Skinner aos seus críticos. Nesta seção do *site*, faremos, aos poucos, a apresentação dos comentários e as respectivas respostas de Skinner. Começaremos por Howard Rachlin comentando *The operational analysis of psychological terms* (no texto, chamado simplesmente de “Termos”), artigo que você pode ler integralmente no nosso *site*.

MENTAL, SIM; PRIVADO, NÃO

HOWARD RACHLIN

A contribuição mais valiosa de Skinner para a Psicologia (até o momento) é o conceito de *operante*. Esse conceito, perseguido consistentemente, propõe uma Psicologia do organismo total independente da Fisiologia, da Neurologia, da Endocrinologia etc. Não há lugar nessa Psicologia para considerações de eventos privados, internos.

Um operante é uma classe de comportamento definido por suas conseqüências, ao invés de pelos seus antecedentes. Assim, uma pressão à barra de um rato como um operante pode ser definido em termos do fechamento do circuito do relê eletromagnético, mas não em termos dos eventos neurais dentro do rato, que a precedem e, num sentido fisiológico, causam e controlam a pressão a barra. Tais eventos fisiológicos internos sem dúvida ocorrem, mas são irrelevantes para o condicionamento operante. A história de reforçamento da pressão à barra é tanto necessária quanto suficiente para explicar (isto é, para predizer e controlar) as pressões à barra.

A outra classe comportamental na ciência do comportamento de Skinner é a classe de *respondentes*. Um respondente é de fato definido de acordo com seus antecedentes, mas estes antecedentes têm que ser externos. Se não for assim, então alguém pode considerar uma pressão à barra pelo rato, controlada como deve ser por eventos fisiológicos internos, como um respondente. Se não é encontrado nenhum estímulo externo que elicia, fidedignamente uma resposta como a pressão à barra do rato, Skinner não pede para procurar estímulos dentro do rato. É sempre possível descobrir ou inventar tais estímulos. Tal foi o caminho escolhido por Watson e Hull (e no qual se perderam). Procurar a causa para a pressão à barra no interior do rato é assumir que a pressão à barra é um respondente (e abandonar a pesquisa da causa da pressão à barra nas contingências de reforçamento). Skinner, ao contrário, considera uma

¹ Catania, A. C. e Harnad, S. (Eds.) (1989). *The selection of behavior. The operant behaviorism of B. F. Skinner: comments and consequences*. Cambridge University Press: New York.
Texto traduzido por Hélio J. Guilhardi para uso exclusivo dos alunos dos Cursos do ITCR.

resposta sem nenhum estímulo eliciador aparente um operante, que pode ser mais ou menos manipulável por contingências de reforçamento.

É inconsistente com esta noção de operante dizer, como Skinner o faz no “Termos”, que uma dor de dente é um estímulo privado. Em uma ciência (verdadeiramente) skinneriana de Psicologia, uma dor de dente tem que ser um respondente ou um operante (ou alguma combinação de ambos). Se o dente doente é considerado o estímulo e o dente doente é considerado como uma parte da pessoa que tem dor de dente, então a dor de dente é um operante e faz parte da classe de comportamento *aberto (overt)*, à qual se dá o nome de “dor de dente”. Alternativamente, para fins de análise, alguém pode considerar o dente doente independentemente da pessoa com dor de dente. Neste caso, uma dor de dente pode ser um respondente consistindo de qualquer que seja o comportamento eliciado por aquele dente (de acordo com as leis do reflexo). A dor de dente operante pode muito bem ser composta por uma classe de comportamento diferente da dor de dente respondente, até mesmo sem superposição entre elas. Em qualquer caso, no entanto, a dor de dente é comportamento aberto, público.

No caso de pensamentos, sentimentos e outros eventos mentais, não há usualmente causa objetiva aparente como um dente, que pode ser alternativamente considerado dentro ou fora do organismo. Não há, usualmente, nenhum estímulo antecedente externo aparente que se possa dizer (pelas leis do reflexo) que elicia estes eventos mentais. Tais eventos são, assim, operantes – ações abertas controladas por suas conseqüências. Nada no “Termos”, nada nos escritos de Skinner e nada na natureza contradiz esta idéia. A principal diferença entre a esperança de um rato e a pressão à barra de um rato não é que uma é privada e interna (mesmo que parcialmente) e a outra é pública e externa. Ambas são completamente externas e (pelo menos potencialmente) públicas, mas uma leva mais tempo para ocorrer que a outra.

No “Termos”, Skinner sugere que termos mentais são usados na linguagem coloquial para se referir a eventos privados e que, porque é muito difícil para a comunidade verbal controlar tais eventos, qualquer análise dos termos mentais como operantes e respondentes seria forçada no melhor dos casos e, em última instância, fútil. Mas Skinner concede um espaço desnecessário aos seus críticos por tal sugestão. Como ele indicou, quando se ensina pessoas a usarem o vocabulário mentalista, o que a sociedade observa tem que ser comportamento aberto e, então, o recompensa ou o pune. Parece que deveria se seguir que uma pessoa que usa aquele vocabulário para se referir aos eventos privados o deve estar usando incorretamente. Assim, um garoto que diz que está com fome imediatamente depois de ter acabado de comer uma farta refeição é ignorado ou punido. As contrações da fome não são relevantes aqui. Em geral, o uso de termos mentais ou emocionais sem (eventual) suporte de comportamento aberto (“Amo você”, é talvez o exemplo mais usual de tal uso) é desaprovado. Quando usamos tais termos, estamos quase exatamente na mesma posição do garoto que gritava “Lobo!”. As pessoas acorreram muitas vezes, sem confirmação. É nos eventos públicos e não nos privados que elas procuram confirmação.

Poderia ser uma tarefa importante para a Psicologia determinar quais seriam os critérios (comportamentais abertos) para o uso de termos mentais, como eles mudam com as circunstâncias, como interação entre si. Antes de realizar essa tarefa, pode ser necessário ampliar o conceito de operante, conforme originalmente proposto por Skinner, de um evento único discreto (como uma pressão à barra) para um padrão complexo de eventos que pode ocorrer durante dias ou semanas e (conseqüentemente) alterar a noção de reforçamento da contigüidade entre um par de eventos discretos (resposta e recompensa) para correlações mais complexas que tenham significado apenas num período extenso (ver Commons, Herrnstein e

Rachlin, 1982). Quando as variáveis importantes de tal behaviorismo molar forem descobertas, o vocabulário mentalista virá, acredito, naturalmente à tona.

Na medida em que os termos mentais se referem ao contexto comportamental aberto do comportamento imediato, é possível usá-los em uma ciência comportamental. Na medida em que os termos mentais se referem ao contexto encoberto ou interno do comportamento imediato, eles não têm lugar na ciência comportamental, porque tal uso de termos mentais transforma operantes observáveis em respondentes hipotéticos.

Resposta de B. F. SKINNER

Achei o artigo de Rachlin desafiador. Ele evidentemente usa o termo “dor de dente” para todo o comportamento eliciado ou evocado por um dente cariado, onde eu o estava usando com o único significado de estimulação provinda de tal dente. Ele também fala de pensamentos, sentimentos e outros eventos mentais e argumenta que eles têm que ser operantes porque não têm “estímulo antecedente externo aparente”. No entanto, um ponto de “Termos” foi que uma quantidade substancial de comportamento que seria chamado de operante estava de fato sob o controle de estímulos privados: tal era o problema que eu estava discutindo. Não consigo imaginar o que Rachlin quer dizer com a esperança de um rato, nem como ele sabe que esta leva mais tempo do que uma pressão à barra.

Não vejo por que do fato que “ao ensinar as pessoas a usar o vocabulário mentalista, o que a sociedade observa tem que ser comportamento aberto e então o recompensa ou o pune”. Segue-se que “uma pessoa que usa o vocabulário para se referir a eventos privados o deve estar usando incorretamente.” Enquanto o evento privado se correlaciona com evidência pública, termos serão usados corretamente. Mais adiante, Rachlin destaca aquele ponto dizendo que “na medida em que termos mentais se referem ao contexto comportamental aberto de comportamento imediato, é possível usá-los em uma ciência comportamental.” Mas, uma vez que não sabemos a extensão em que assim ocorre, qualquer uso é, então, questionável.

Comentários de Hélio J. Guilhardi

A exposição de Rachlin sobre a relação entre fenômenos fisiológicos e comportamentais é exemplar. Admite a relevância da fisiologia (neste sentido o analista de comportamento se interessa por ela), mas ela não é necessária para explicar o comportamento (não é objeto de estudo do analista de comportamento), pois, para dar conta do fenômeno comportamental, basta a análise das contingências de reforçamento. A ênfase que Rachlin dá ao estímulo antecedente como evento externo exclui de vez a possibilidade de incluir os eventos fisiológicos internos como causa de comportamentos, nem mesmo da classe de respondentes. Conclui-se que ele exclui as neurociências do âmbito da psicologia comportamental e não aceita uma conceituação organicista do comportamento.

Cabe pensar, porém, que eventos antecedentes externos podem controlar comportamentos operantes (pela argumentação de Rachlin, seriam sempre respondentes). O que é um S^D se não um evento antecedente externo que controla (estamos falando de controle de estímulos), no sentido de que torna mais provável, a emissão de determinada resposta em função de história de contingências específica a ele associado? Pode-se concluir, então, que a

função do estímulo antecedente é determinada pela história de contingências ou pela história filogenética e não pela sua relação de antecedente à resposta.

Rachlin, surpreendentemente, no quarto parágrafo, permite ao leitor concluir que “dor de dente” é *comportamento* do organismo e não um evento-estímulo que: (a) elicia respostas, tais como contração de músculos da mandíbula ou movimentos da mão em direção à boca (quando a dor produz a sensação de uma “agulhada”, por exemplo) – situações em que as respostas musculares apontadas seriam respondentes e a dor um estímulo eliciador; ou (b) um evento-estímulo que estabelece a ocasião em que reclamar (talvez exageradamente) da dor produz atenção – situação em que a resposta verbal é um operante e a dor é um estímulo discriminativo. Rachlin, do meu ponto de vista, complicou e nada explicou. Paralelamente, Skinner, no “Termos”, foi bastante claro quando expôs a segunda estratégia que a comunidade verbal utiliza para ensinar seus membros a responder a eventos-estímulo internos (exatamente quando usa a dor de dente como exemplo). Assim, Skinner escreveu: “Embora um dentista possa, ocasionalmente, ser capaz de identificar o estímulo de uma dor de dente a partir de certos acompanhantes públicos [por exemplo, exposição do colo do dente, deixando o cimento exposto ao meio bucal; presença de cárie ativa são evidências nas quais o dentista se baseia para afirmar, com alta probabilidade, que ocorre dor]², a resposta “dor de dente” é geralmente transmitida com base nas respostas que são eliciadas pelo mesmo estímulo, mas que não precisam ser instaladas por uma contingência ambiental.” Acredito que a clareza da frase de Skinner dispensa comentários adicionais. Respostas operantes, verbalizações ou gestos não podem (não devem, mais precisamente) ser considerados tactos verbais puros sobre “dor de dente”, mas tactos impuros, já que são controlados pelas conseqüências que produzem e não pelos eventos antecedentes.

Os três primeiros parágrafos de Rachlin, por outro lado, são preciosos. Compensam uma cuidadosa leitura.

² Exemplo do autor dos presentes comentários.